

O Relógio Que Nunca Descansava - A corrida impossível contra o tempo

De Francisco Abreu



Na vibrante cidade de Horas Vagas, o horizonte era dominado por um monumento peculiar: o Relógio Perpétuo. Ana, uma jovem de passos rápidos e olhar inquieto, sentia que o mundo estava sempre um segundo à frente dela. Para Ana, cada batida do relógio não era um marcador de tempo, mas um lembrete de que ela ainda não tinha chegado "lá", onde quer que o "lá" fosse. Enquanto os outros caminhavam, ela sentia que precisava voar apenas para não ficar para trás.



Foi então que algo estranho aconteceu: o Relógio Perpétuo começou a girar freneticamente. Os ponteiros cortavam o ar como hélices. Ao lado de Ana, surgiu a Sombra da Ansiedade, uma figura feita de névoa escura que sussurrava constantemente: "Rápido, Ana! Se você não correr agora, o futuro vai te esquecer. Você nunca será o suficiente se não se apressar!". O coração de Ana batia no mesmo ritmo descompassado das engrenagens.



Ana tentou acompanhar o ritmo. Ela corria pelas ruas, tropeçando em pilhas de livros que ainda não tinha lido e projetos que ainda não tinha terminado. A cidade parecia um carrossel fora de controle. Quanto mais ela se esforçava para "ganhar tempo", mais o tempo parecia escorregar por entre seus dedos, transformando-se em uma poeira cinzenta que a deixava sem fôlego e exausta.



No meio do caos, sentado calmamente em um banco de pedra que parecia imune à pressa, estava o Dr. Psi. Ele não corria. Em vez disso, usava uma lupa para observar o funcionamento de um pequeno relógio de bolso, anotando observações em um caderno de couro. Ele era o psicanalista investigador da cidade, conhecido por decifrar os enigmas que o coração tentava esconder sob a urgência.



Ana parou diante dele, ofegante. "Dr. Psi, o relógio enlouqueceu! O futuro está chegando e eu não estou pronta!". O doutor levantou os olhos e sorriu com bondade. "Ana, minha cara investigadora, o relógio gigante não é a causa, é o sintoma. Ele acelera porque você acredita que o seu valor depende da velocidade. Venha, vamos olhar dentro da máquina. Precisamos entender por que você tem tanto medo de parar."



Eles entraram na torre do Relógio Perpétuo. Lá dentro, o som era ensurdecedor. A Sombra da Ansiedade cresceu, bloqueando o caminho. "Não a escute!", rugiu a Sombra. "Se ela parar de se cobrar, ela não será ninguém! A incerteza é um monstro e só a pressa pode salvá-la!". Ana sentiu o peso das palavras; o medo de não ser "suficiente" era o combustível que mantinha as engrenagens girando naquela velocidade insana.



Dr. Psi acendeu uma lanterna e iluminou as engrenagens. Ana viu que cada peça tinha um nome gravado: "O que os outros vão pensar", "E se eu falhar?", "O tempo perdido". "Veja", disse o Dr. Psi, "você está alimentando o amanhã com a energia que deveria usar para viver hoje. O futuro é um território vazio que você está tentando mobiliar com preocupações antes mesmo de receber a chave."



"Mas como eu paro?", perguntou Ana, enquanto o tic-tac vibrava em seus ossos. Dr. Psi apontou para o centro do pêndulo, o único lugar que permanecia imóvel apesar do movimento. "Você para quando aceita que não precisa de garantias para ter valor. O agora é o único lugar onde a vida realmente acontece. O resto é apenas fumaça e espelhos." Ana fechou os olhos e, pela primeira vez, escolheu não fugir da batida seguinte.

Ana saiu da torre e caminhou pela cidade. O sol estava se pondo, pintando o céu de cores que ela nunca tinha notado antes por estar sempre correndo. O futuro ainda era um mistério, mas isso não a assustava mais. Ela descobriu que, ao habitar o presente, o tempo deixava de ser um carrasco e se tornava um companheiro de jornada. Ana finalmente estava em casa, exatamente onde estava.